



SETÚBAL

Cento e quinze anos

FOI há cento e quinze anos que Pai Américo nasceu. Olhemos hoje para a sua vida e agarremos nós, o modo como a encarou; foi o seu viver para os outros, o fio condutor que o levou a dar todos os passos.

A energia que o alimentava, não era de cariz filantrópico, mas teológico. Do encontro com o Outro, com Deus, recebia o empurrão que o impelia ao encontro dos outros. Dos outros sem protecção, sem oportunidade de adquirirem a dignidade que lhes era devida, congregando a generosidade daqueles que podiam dar-lhes a mão: «O meu Senhor, dê a mão àquele!» Assim construía fraternidade.

A sua vida foi cheia de generosidade.

Deixou-nos esta semente, e imprimiu nesta Obra, que trouxe à nossa sociedade, o selo que a define e distingue: todos devemos viver, de igual modo, a generosidade.

Ninguém está isento de dar-se.

Sempre que o egoísmo é vivido, nasce uma erva daninha que urge arrancar. Não com a força da violência, mas com a violência da força que é a nossa realidade: *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes* — o imperativo a que o nosso modo de viver nos obriga, na generosidade.

Por isso continuamos a ser uma palavra nova, sempre incompreendida, sempre anacrónica porque o tempo é de injustiça, e a Justiça vive fora do tempo. A Justiça que impeliu Pai Américo e lhe deu, na realidade de ontem e também nos pode dar hoje, fome e sede de justiça.

A sementeira do joio ainda não terminou. Estamos em crer que os homens do nosso tempo, pela indiferença com que vivem a sua vida na relação com os seus semelhantes, já não são capazes de distinguir o joio do trigo. Tudo classificam de opção pessoal, e já não existe o mal e o bem. Não se conhecem já as razões para construir fraternidade e, como tal, generosidade é somente um conceito sem sentido.

Claro que o trigo também vai crescendo...

Como na vida de Pai Américo, também nas nossas vidas, homens de hoje, só o Outro, Deus, é a fonte desta energia, a generosidade, que nos leva ao encontro dos outros com a perseverança que a fome e a sede criam nos seres famintos e sedentos, a ponto de deixarem tudo para se saciarem.

Padre Júlio

Nota da quinzena

O CORRE neste domingo, 20 de Outubro, o 76.º *Dia Mundial das Missões*. Como sempre, o Papa envia mensagem a toda a Igreja sublinhando a essencialidade da componente missionária para a integridade

do nome de cristão. O amor ao Próximo «em obras e em verdade» não circunscreve o dever a limites de espaço ou de tempo. É uma declaração da universalidade e intemporalidade para que fomos criados, atributos de

que somos participantes já, a partir do carácter baptismal, marca indelével da nossa incorporação em Cristo.

É certo que, fisicamente, não podemos partilhar o nosso pão com alguém que nos antípodas tem fome. Mas a distância não nos autoriza a desinteressarmo-nos desse nem impede de sofrermos a sua fome. Quem sabe se deste sofrimento não se servirá Deus como instrumento para despertar, lá, outro a essa partilha?! Assim estejamos nós, cá, efectivamente

exercitados em fazê-lo a quem está ao nosso alcance! O amor ao Próximo «em obras e em verdade» é essencialmente comunicação da inteligência e da vontade repassada pelo afecto que a torna comunhão. Evangelizar não é somente dar a conhecer, mas mostrar «através da vida, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo», continuadas nos Seus discípulos «o amor, a misericórdia e o perdão de Deus aos homens». E o perdão torna-se patente na medida em que «todos estejamos unidos no Seu amor misericordioso, perdando também nós até as ofensas mais graves».

E João Paulo II insiste: «Só o amor de Deus é capaz de irmanar os homens de qualquer raça e cultura e poderá fazer desaparecer as dolorosas divisões, os contrastes ideológicos, as desigualdades económicas e os violentos vexames que ainda oprimem a Humanidade».

E conclui assim a apresentação do tema deste ano: «Eis, por conseguinte, a síntese dos conteúdos fundamentais deste *Dia Missionário Mundial* dedicado ao tema estimulante '*A Missão é Anúncio de Perdão*'».

Neste momento tenho sob os olhos o artigo que o nosso Padre Custódio escreveu a quinzena passada, intitulado «A Reconciliação» — perfeita sintonia com a palavra do Papa — e fixo-me neste parágrafo: «Para que haja uma verdadeira paz em Angola não basta só o cessar-fogo que o País vive. É necessário o perdão e a reconciliação entre os cidadãos. Só uma verdadeira reconciliação nacional pode sarar as feridas causadas pela violência e pela morte».

Penso isto, exactamente. E penso que «a paz que Cristo ressuscitado dá aos Seus discípulos e a Igreja, fiel ao mandamento do Seu Senhor continua a proclamar», passa, para todos os Povos ainda em convulsão, por este caminho que o Papa indica: «A via-mestra da missão é o diálogo sincero; o diálogo que 'não nasce de táticas ou de interesses', e nem sequer é fim em si mesmo. O diálogo, aliás, que deixa falar o próximo com estima e compreensão, afirmando os princípios em que se crê e anunciando com amor as verdades mais profundas da fé, que são alegria, esperança e sentido da existência. No fundo, o diálogo é a realização de um impulso espiritual que 'tende à purificação e conversão interior que, se for realizada na docilidade ao Espírito, será espiritualmente frutuosa'. O empenho por um diálogo

Continua na página 3

Pai Américo

É a 23 de Outubro que, em nossas Casas, se comemora o seu nascimento! Foi nesse dia que a mãe dele exultou e, com o coração, se dirigiu a Deus em acção de graças!

A vida é, para todo o homem, um mistério e só Deus o desvenda ao longo da História.

É salutar esta recordação, a nós que ainda vivemos neste mundo. A singular fidelidade a Deus, em firme Esperança, e a encarnação da mensagem de Jesus, evangelizando os Pobres e com eles os remediados e alguns ricos, eleva-nos e atrai-nos a coplá-la, adaptando-a aos tempos novos.

Esta memória é sempre um renovado compromisso diante de Deus e dos homens.

Padre Acílio

TRIBUNA DE COIMBRA

Campanha de assinaturas

A leitura e meditação que o jornal O GAIATO oferece, tem servido de «alimento» espiritual para muitas pessoas anónimas, Comunidades e grupos particulares. A ressonância da sua leitura é constante. Significa isso que é provocatória no melhor sentido do termo; que não falta gente inquieta e insatisfeita com a sorte dos mais desfavorecidos da nossa sociedade. Foi por esta causa que, gerado no coração do Padre Américo, O GAIATO apareceu à luz do dia.

Quantos e quantas não têm encontrado na sua leitura o desprezo pelo efémero e passageiro, reencontrando o gosto pelo eterno?!

Ainda assim sabemos que há muita gente que tendo deixado de o adquirir na rua pelas mãos dos rapazes que o distribuíam, perderam contacto connosco com prejuízo para uns e outros.

A distribuição avulso nas ruas pela mão dos rapazes, aqui, na Zona Centro do País, tem sido substituída por uma campanha de assinaturas que sabemos ainda não ser do conhecimento de todos,

a avaliar pela resposta obtida em termos numéricos, mesmo nas cidades principais como Coimbra e Figueira da Foz, por exemplo. Por outro lado temos encontrado pessoas que estranham a ausência dos rapazes na rua ignorando que a venda nas ruas terminou.

Assim, no sentido de um melhor esclarecimento e com a finalidade de angariar novos assinantes e de que ninguém deixe de ter acesso à leitura do Jornal, iremos às cidades principais da Zona Centro, onde, aliás, se processava a venda na rua, e nas igrejas durante as Missas dominicais faremos um apelo a que a maioria se torne assinante e faça também outros, porventura ausentes.

Já temos agendado o dia com os Párocos de Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Proença-a-Nova, Sertã e Figueiró. Aguardamos a confirmação em Tomar e Leiria.

Não podemos deixar apagar esta chama que Pai Américo acendeu e que tanta luz tem irradiado em tantos corações.

Padre João

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

TRATAMENTO DE DOENTES — A responsável do tratamento de doentes, nos meses de Agosto e Setembro que nos havia dito «*poderá ser distribuída como melhor entenderem. Que esta pequena migalha possa ajudar alguém que se encontre em maior dificuldade, ajudando a satisfazer as suas necessidades mais prementes*», pede uma oração por alma de seu marido — da assinante 57002.

Vinte euros «*para os mais necessitados*» — da assinante 2965.

Agora, presença de Beatriz, Oliveira de Azeméis, cento e cinquenta euros.

Trezentos euros, da assinante 1121, também para o que «*acharem melhor*».

Quarenta euros de Lourdes. «*Mais um grãozinho. Cada vez admiro mais a Obra da Rua. Só tenho pena de não poder ajudar mais. Bem hajam*».

Mais cem euros em «*acção de graças por um doente, o qual Deus nunca se esquece deste pobre pecador*» — do assinante 32762.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VACARIA — Cada dia que passa tem andado mais limpa e as vacas dão mais leite.

CARROS — A semana passada veio para cá uma carrinha nova Toyota. Todos a acharam bonita.

ESCOLA — Já lá vai um mês que as aulas começaram. Esperamos que tudo esteja a correr bem à nossa malta.

MILHO — A sementeira está cada vez maior. Esperamos que cresça rapidamente para o podermos colher.

MÚSICA — Temos cá um óptimo professor de música. Até os nossos rapazes dizem que nunca viram um professor igual.

CASAS — Estão cada vez mais limpas. Os nossos visitantes dizem que nesta Casa se sentem bem.

EXCURSÕES — Esperamos que este ano venham muitas para fazermos jogos de futebol.

Rolando Polónia e «Gaiota»

DESPORTO — Os Inicados, depois de um fim-de-semana de folga, receberam os

Leões Balboenses F.C. Foi um jogo bastante renhido. Começámos por sofrer o primeiro golo logo aos cinco minutos. Pouco depois, sofremos o segundo. Conseguimos empatar e de seguida eles fizeram o 2-3. Nesta altura do desafio, começava o «Bolinhas» a dar nas vistas. Para além de ter feito um bom jogo, marcou um golo de belo efeito. É pequeno no tamanho, mas foi grande na exibição que fez. Na segunda metade, depois de muitos altos e baixos, conseguimos fixar o resultado em 7-6.

Quem também não deixou os seus créditos por mãos alheias, foi o «Doutor», que apesar de ter feito um excelente jogo, marcou três golos um dos quais, de grande classe.

No final do encontro, o Sr. Marçalo, treinador dos Balboenses, dirigiu-se à nossa cabina, dando os parabéns a todos, e, em especial, ao n.º 10.

Antes de terminar, quero fazer referência à preciosa ajuda do nosso Luís Ângelo, nos últimos quarenta e cinco minutos do encontro que, tal como outros e com a devida autorização do seu treinador, está sempre pronto para nos ajudar.

É altura de seguirmos estas pisadas de bom entendimento e de respeito uns pelos outros. E não utilizar ou tentar utilizar o escalão dos mais novos, como pretexto, para fazer prevalecer o que quer que seja. Não façamos jogadas de bastidores! Joguemos limpo, tal como estamos habituados a jogar futebol dentro das quatro linhas.

Os Seniores, não tiveram descanso.

A 5 de Outubro deslocaram-se a Paredes para jogar com o «Café Classic», a quem ganharam por 3-5.

A 6, receberam um grupo de Ermesinde e também não deixaram fugir a vitória.

A 13, defrontaram o F.C. do Barreiro, onde não foram além de um empate a uma bola.

Três jogos onde tudo correu sem problemas. É bom sinal, quando assim é. Nota-se que há jogadores que estão a subir de rendimento, para satisfação do Lupricínio, e que todos se esforçam para serem titulares. No entanto, é preciso entender que só podem jogar onze de cada vez.

Alberto («Resende»)

TOJAL

OFERTAS — Foram-nos oferecidos quarenta patos, os quais já abatemos para as nossas refeições. Também nos oferecem material escolar e outros bens para utilização pessoal. Agradecemos a todos os amigos que se lembram de nós.

FUTEBOL — Apesar de parecer, por algum tempo, desestabilizado, volta ao seu costume de organização. Toda a malta foi convocada a partici-



Benguela — A nossa equipa de futebol.

par nos treinos. Relembro que temos falta de botas para a realização dos desafios. Esperamos que os dirigentes não percam a vontade para que tudo possa correr da melhor maneira.

HORTA — Tudo satisfaz! Por cada grão de semente que se esconde em terra boa, novos frutos surgem. O feijão verde está a crescer com bom aspecto, em simultâneo com outros produtos agrícolas.

FESTA — Todos os anos voltamos ao passado, relembrando o nascimento do Menino Jesus. O pessoal mais velho prepara as peças para ensaiar com os mais novos e apresentar no dia da festa, transmitindo a todos as palavras da Boa Nova.

Recordar

*Tenho tanta dor
Que é incrível
Não guardo rancor
Ainda que se torne insuportável.*

*É mesmo assim
O destino que me conduz
Sinto em mim
Essa mesma luz.*

*Fui uma criança
Que nunca foi criança
Fui uma estrela
Que nunca foi estrela.*

*Grandes serenatas assisti!
Das misteriosas armas
Muito sorrisos perdi!
Tantas crianças sem amas.*

*Lutas ardentes
Cicatrizes que marcam a pele
Recorda a mente
Vivendo mais um dia presente.*

Abílio Pequeno

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE «O GAIATO» DE SETÚBAL

S. MARTINHO — No dia 17 de Novembro, na sede da nossa Associação, realizar-se-á o S. Martinho. Ofereceremos castanhas, sardinhas, sumos, e água-pé. Os produtos do bar como a entrada (excepto menores de treze anos) serão cobrados — a entrada: três euros por sócio.

FESTA DE NATAL — No dia 22 de Dezembro, realizaremos a festa de Natal, para os filhos e netos dos nossos associados (até aos treze anos), na nossa sede, ou outro local a designar. Pedimos o favor de fazerem as inscrições, até ao dia 15 de Dezembro, de contrário não receberão prendas.

Vem, convive, e traz a família, pois todos juntos gozaremos um bom dia.

César Amante

SETÚBAL

CANIL — Agora os nossos cães já têm uma casa nova. O ti Zé e o «Monchique» estiveram a montar a porta e a arranjar o chão onde vão ficar. Quando andavam todo o dia à solta, atacavam as galinhas e os patos, o que nos dava muita preocupação.

RAPAZ NOVO — Chamase Carlos e tem treze anos. É muito brincalhão, dá-se bem com os outros rapazes, mas, às vezes, abusa um bocado e

porta-se mal. Com o tempo, certamente vai melhorar.

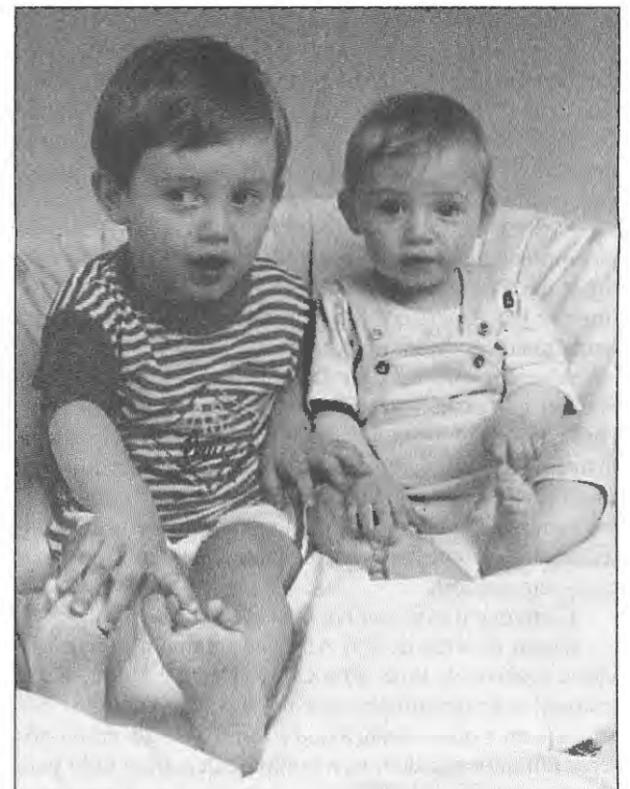
CASAMENTO — O «Pitéu» casou na nossa Capela neste mês de Outubro. Ele esteve muitos anos, cá, em Casa, e era muito brincalhão. Alguns rapazes foram à boda. O noivo estava muito feliz na sua nova vida. Desejamos muitas felicidades para o novo casal.

VISITAS — Esteve conosco um grupo de pessoas amigas de Castelo Branco, que nos visita todos os anos. Ofereceram-nos o almoço e a merenda, para além de uma oferta em dinheiro, dos presentes e dos ausentes. Os rapazes deliciaram-se com as sobremesas caseiras que as senhoras nos prepararam.

FUTEBOL — Os rapazes que gostam de ver os jogos, têm ido ao estádio do Vitória de Setúbal. Só temos pena que tenham empatado os jogos que fomos ver. O nosso obrigado à Direcção do Vitória e boa sorte para esta época futebolística.

«Cowboy»

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Outubro, 62.300 exemplares.



João Miguel e Laurindo José, netos do Laurindo e Maria Olinda.

Aprendi muita coisa

MAIS uma vez, tive a oportunidade de passar algum tempo na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Foi uma experiência muito rica. Aprendi muita coisa. As nossas Casas têm muito em comum, mas, também, existem diferenças entre elas. Aprende-se muito em cada

uma das nossas Casas. Essas experiências são uma riqueza para o serviço da nossa Obra.

Quando passei por esta Casa, no ano 2000, o Padre Manuel António andava aflito em conseguir ocupação para os rapazes mais velhos. Pela idade que tinham era difícil arranjar

vagas nas Escolas e, por outro lado, havia falta de emprego. Este ano conseguiu colocar a maior parte deles nos cursos de Mecânica e Electricidade, em Catumbela. Outro grupo está em Casa à espera de uma oportunidade para estudar. O futuro dos rapazes mais velhos é um pro-

blema sério para as nossas Casas de Benguela e de Malanje.

Na área da agricultura e da pecuária também encontrei muitas mudanças. A primeira notícia que os rapazes me deram foi que este ano não houve cultura de batata rana. Havia falta de semente. Encontrei muito tomate, cebola e milho.

A vacaria e as pocilgas estão quase vazias. As vacas foram roubadas e os porcos morreram por causa da peste. Fiquei impressionado por notar que ninguém perdeu a força nem a coragem. Pelo contrário, estão a recomeçar.

Aproveitei a minha estada em Benguela para reorganizar a minha vida espiritual. Não basta a boa vontade, a dedicação ao serviço de Cristo e dos Irmãos, sem poupar tempo nem energias. É necessário que haja também uma ligação forte com a Palavra de Deus. Aprendi que tanto trabalho separado da «escuta da Palavra» torna-se preocupação, angústia, confusão ou mesmo nervosismo.

Padre Custódio



Monda de cebola

Correspondência dos Leitores

Servos uns dos outros

«Tema: Deus é semelhante a um PBX que tem muitas extensões, a fim de ligar e contactar com todas as pessoas...

Ora, sendo a razão principal do PBX ter um serviço constante e permanente, para ajudar as pessoas que possa alcançar do mesmo modo nós devemos ser servos uns dos outros, para sermos extensões úteis e sempre atentas, quando vier a chamada. E tendo o auscultador no devido lugar, a fim de estar funcional. Tudo isto deseja o nosso querido Pai celestial. Porque Deus ao ligar para a minha extensão (Ele sabe muito bem o meu número), deseja que eu esteja muito atento à Sua mensagem, a ouça e

ponha em prática e a leve por onde andar, através do meu exemplo. Isto é, sempre imite Jesus Cristo, que foi a maior extensão que, há dois mil anos, veio a este mundo, a fim de mudar e alterar o estilo de vida, que a Humanidade vivia.

Infelizmente, foram bem poucos os que puseram em prática os ensinamentos do grande Mestre e Professor. Nem os que sabiam as Escrituras, nem os líderes religiosos!

Actualmente, esta humanidade (salvo honrosas excepções), ainda não ouve a chamada que Deus lhe faz para a sua extensão, motivo: porque o mundo se encontra em conflitos a todos os níveis. Começam na família e chegam até às Nações. E, hoje, vemos crimes que nos deixam espantados. E as perspectivas são pouco animadoras...

Surgem crimes no mundo que nos fazem estremecer, como há corações duros, que os possam cometer?

Pessoas que praticam actos inqualificáveis, como se poderão salvar? Se Jesus Cristo nos diz: 'Sem vos arrependerdes, todos estais condenados'. E se o cristão, é aquele que ama, perdoa como Jesus Cristo nos amou infinitamente. E que tudo fazia de graça. Nunca foi egoísta. Como se poderão salvar os pregadores, desde o mais pequeno até ao maior. Isto é, desde o Porto, Lisboa, a Roma. Claro que eu não posso julgar, mas alertar. Prestando assim um bom serviço. E dizer a todos atendei a chamada do Criador, origem de todo o Bem, e a Fonte de todo o Amor.

E também mantenhamos o interruptor ligado 24 horas por dia, a fim de termos luz para espalhar. Isto quer dizer vivamos unidos a Deus. Porque desligados (e o pecado desliga-nos), não temos luz, mas trevas.

E esta ligação não custa nada. Pelo contrário, dá-nos uma grande felici-

Crianças abandonadas

Eu não escolhi os pais que tenho
Nem este mundo onde vivo
Nem os maus vícios que apanho
Nem estes caminhos que eu sigo.

Sou um pequeno ladrão,
Um vadio e um vagabundo
Mas nada foi minha iniciação
Tudo isto eu aprendi do mundo.

Se do mundo eu aprendi
Que culpa tenho afinal?
Ninguém me ensinou o bem
E o que vi foi só o mal.

Faz doer esta verdade
Mas é o mundo o culpado
Não é por minha vontade
A isto eu sou obrigado.

É para vós, senhores do mundo,
Que eu envio este recado
Só o amor cura o meu mal
E eu preciso de ser curado.

Cada mal tem o seu remédio
Por caridade haja alguém
Para me dar o amor que me cura
Um remédio que este mundo não tem.

Dedico a todas as crianças abandonadas, que não têm o amor de ninguém.

Assinante 66855

dade. E quem não gosta de ser feliz? Porém, aqui está o segredo. Doutor, enfermeiro, Pastor, Bispo, Cardeal, ou Papa, dá-te ao carenciado. Imita Jesus Cristo, desafia o Pastor ou Bispo. E terás a garantia de salvação. Que Deus possa alegar-se com a tua extensão, colocada no teu coração e mente, ao serviço de toda a gente. Assim, deve ser a vida do crente, temente e obediente. O mundo estaria menos doente.

Assinante 22183»

DOCTRINA

Revelações



O «Tiroliro» veio dizer que estava ali um senhor. Aproximei-me, já o senhor tinha transposto o limiar e subia as escadas, triste e devagar. Era um rapaz. Vinha de dó. Trazia um grande saco de viagem. Em cima cumprimentámo-nos. A dor tem algo de comunicativo. O rapaz queria dizer, mas as lágrimas não o deixavam. Havia ali um banco. Sentou-se mais eu. Houve uma pausa de alguns minutos. As lágrimas rolavam. — Venho aqui trazer isto que foi do meu irmão. Morreu no dia 5. Assinava O GAIATO. Há uns botões de punho para o cálice que há-de outro meu irmão vir trazer.

ENTRAMOS na rouparia. O Filipe (o senhor) desdobra e vai indicando as coisas mais predilectas do irmão, saudosamente. — Fique este dia.

— Sim; quero ficar. Comeu do nosso jantar, fixando a vista em cada um dos pequenos. Acompanhou-os de muito perto no recreio e nos trabalhos; andou com os pastores pelos campos. Não perguntava. Não dizia. Tinha visto ontem o irmão no caixão. Trouxera o seu espólio ainda quente. Sentia necessidade de purificar o amor fraterno. Veio fazê-lo junto de nós, a rezar. — A minha mãe é viúva; este é o segundo filho que perde.

NÃO veio a mãe. Mandou o filho ler a mensagem de amor materno. Deus do Céu e meu Senhor, que O GAIATO seja a palavra nova que apaixone as almas e lhes dê saudades das coisas divinas!

O. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

Padre Américo

Pelos caminhos da angústia, da tristeza,
Pelos charcos de lama, pelo chão,
Por quem sofre e suplica uma só mão,
Pelo que há de mais dorido na pobreza.

Pelas vielas do vício, da torpeza,
Pelas esquinas do mal, pela escuridão,
Por quem mendiga uma cõdea de pão,
Por quem não se separa da baixeza.

Américo serviu, deu Vida à vida,
Do que parecia lixo fez fecundo,
Salvou tanta criança já perdida.

— Quem é Humano não pode ser imundo.
E fez sentir aos tais de alma esquecida.
Não há um rapaz mau em todo o mundo!

Assinante 67284

Nota da quinzena

Continuação da página 1

atento e respeitador é condição *sine qua non* para um autêntico testemunho do amor salvífico de Deus.

Este diálogo está profundamente relacionado com a vontade de perdão, porque todo aquele que perdoa abre o seu coração ao próximo e torna-se capaz de amar, de compreender o irmão e de entrar em sintonia com ele. Por outro lado, a prática do perdão, a exemplo de Jesus, desafia e abre os corações, cura as feridas do pecado e da divisão e gera uma verdadeira comunhão.»

E termino ainda com a palavra papal dirigida aos «Caríssimos Irmãos e Irmãs» que somos todos nós: «Confiamos este nosso empenho pelo anúncio do Evangelho, assim como toda a actividade evangelizadora da Igreja, a Maria Santíssima, Rainha das Missões. Que Ela nos acompanhe no nosso caminho de descoberta, de anúncio e de testemunho do amor de Deus, que perdoa e que dá a paz ao homem.»

Padre Carlos



Visita de estudo de um grupo dos nossos rapazes ao Porto do Lobito

BENGUELA

A linguagem dos sinais

A linguagem dos sinais é muito rica. Ajuda-nos a ver a realidade que os nossos olhos não alcançam.

Tinha acabado de chegar. Depois das saudações familiares, normais para quem regressa a Casa, após algum tempo de ausência, veio o contacto com a verdade que nos rodeia. Aquela mãe, entre outras mulheres, aproxima-se de mim com um filho às costas e outro ao colo. Eram tão magrinhos que não me contive. Mais quatro ficaram em Casa. Estou habituado a ver situações iguais, mas fiquei impressionado. Esta mulher é um sinal que nos fala da situação em que vive a maior parte da população de Angola.

Apetece-me dizer que vivemos, em verdade, aqui, uma hora de arranque. Estamos lançados numa empresa em que investimos disponibilidades procuradas no interior de nós mesmos e nas ajudas substanciais que

pondes em nossas mãos. Temos de dar tudo por tudo para salvar as crianças e suas mães. Que não nos falte a certeza de quem entra numa aventura com o desejo sincero de gastar a vida para que outros tenham vida!

O que os meus olhos viram em Portugal? O povo português está muito sensível ao sofrimento do povo angolano. Não admira. São povos irmãos que a história tornou muito próximos. Na comunidade paroquial onde nasci, tive ocasião de falar aos cristãos que me acolheram e repartiram os seus bens. Noutro lugar, sacerdote da velha guarda deu tudo quanto podia para ajudar a matar a fome e comprar medicamentos. Por este caminho sabe que o dinheiro chega ao seu destino, dizia. Quem dera os grandes se juntassem aos pequenos e fossem iguais na generosidade, à medida de cada um! Obrigado!

Padre Manuel António

Momentos

O Zé Adolfo

SEGUIA eu no Alfa para Lisboa quando toca o telefone de bolso.

Não me queixo do telemóvel. É por este pequenino instrumento que o meu mundo se aproxima e me fala a qualquer hora.

É o mundo que me devora e me anima.

— Como está?

— Estou bem. Vou, aqui, no comboio, ver a situação de dois pequenos à Capital.

— Então a passear!? Isso é que é vida!...

A voz aparecia-me com muito agrado, mas não reconhecia a pessoa.

— Já sabe quem fala? É o Zé Adolfo. Telefone-lhe porque estou imensamente feliz.

— Nasceu-te algum neto?

O Zé tem filhos criados, vemo-nos tão poucas vezes que, à sorte, tentei adivinhar a causa de tanta alegria.

— Nada disso. Faz hoje cinquenta anos que entrei para a Casa do Gaiato. É para mim uma data que me enche de felicidade.

O Zé foi criado em Paço de Sousa. Correu mundo. Estabeleceu-se em Lisboa onde trabalha com a esposa, cada um para seu patrão. Mas deslocava-se muitas vezes a Setúbal e surpreendia-me sempre com a sua larga generosidade.

Eu ia em busca de dois pequeninos votados ao abandono, como o Zé.

Como me alegrou esta comunhão de felicidade.

Um dos vadios já entrou para a nossa Casa. Come comigo à mesa. Daqui a cinquenta anos dará a outro padre da rua a mesma boa nova.

«Estou imensamente feliz».

J. P.

O J. P. jurou bandeira como soldado pára-quedista.

Eu tinha de estar lá.

Era em Tancos, na Escola de Tropas Helio-transportadas. Muito longe e um grande transtorno para a nossa vida, mas o coração andava-me inquieto.

Fui buscá-lo, com oito anos, a um bairro lisboeta onde era conhecido por «o terror de Carnide». Nem Polícia nem Guarda. Todos o temiam.

Um jovem estudante de medicina, que é hoje frade franciscano, havia-me comunicado esta aflição e eu fui lá, por ela.

Ao fechar da noite, em meados de Fevereiro, vou dar com ele a esconder-se de mim e a agasalhar-se num grande caixote de papelão.

Vivia com a tia e o pai, que a ela se havia juntado

após o abandono da mãe, numa casa térrea, velha, abandonada, com muitas janelas sem qualquer vidro.

O desconforto daquela habitação era tal que eu pedi ao jovem estudante que fosse lá tapar as janelas com plástico para evitar as gélidas correntes de ar.

Um rapaz vivo, inteligente, meigo mas extraordinariamente rebelde.

Quanto sofremos um com o outro!

Quantas lutas travámos!...

Tive de o tirar da Escola, onde frequentava o sétimo ano, ainda com idade obrigatória; sujeitando-me a todas as sanções legais e ao mal dizer de quantos malsinam os nossos procedimentos.

Esteve na nossa carpintaria onde se revelava com aptidões, mas as quezílias com o mestre eram tantas e tão frequentes que acabámos por desistir e encontrar outro local de aprendizagem, sem resultado.

Veio então para Casa.

Com períodos bons o Jota manifestava-se generoso e hábil.

De carácter franco, algumas vezes se acusou ele próprio: — Fui eu!

A venda d'O GAIATO, também o marcou. Fez amigos em Palmela e granjeou estima pessoal e à Casa.

Ocupava-se em aprender de pedreiro numa equipa que Padre Júlio pôs a funcionar nas obras da nossa Casa. E já fazia, com jeito, algumas coisas.

Respondendo ao seu carácter, aventureiro e audaz, escolheu o pára-quedismo.

Com que orgulho me confienciava: — Olhe que metade da malta ficou pelo caminho. Éramos quase quatrocentos e só duzentos juraram bandeira!...

É uma alegria que quero partilhar.

Só por um J. P. vale uma vida!

Nunca mais será terror de ninguém.

Quem dera que o mundo aprendesse, desta maneira, a vencer o terrorismo!

«Pitéu»

FOI assim conhecido, desde pequenino, no meio de nós. Não sei bem porquê.

O Bruno Filipe encontrou na Eliana o seu equilíbrio afectivo e convidou-me para presidir à celebração do casamento.

Um dia de glória que me era oferecido.

Perdoar e fazer reconciliação deve ser o primeiro motor de qualquer homem, quanto mais de um sacerdote.

— Se podia casar em nossa Casa e fazer a festa no Lar?

Só encontrar-me com o rapaz, após tantos desencontros, valia tudo.

Éramos, ambos, «filhos pródigos» um do outro. Também teve de abandonar a Escola, atirando-me para becos sem saída e mergulhando-me num mar de angústia.

Valeu-me o padrinho que lhe deu a mão e o agarrou durante algum tempo!

Foi sofrer, sofrer, sofrer...

Na presença de Deus, que tudo vê, lembrámos momentos amargos para os adocicar em nossos corações reconciliados.

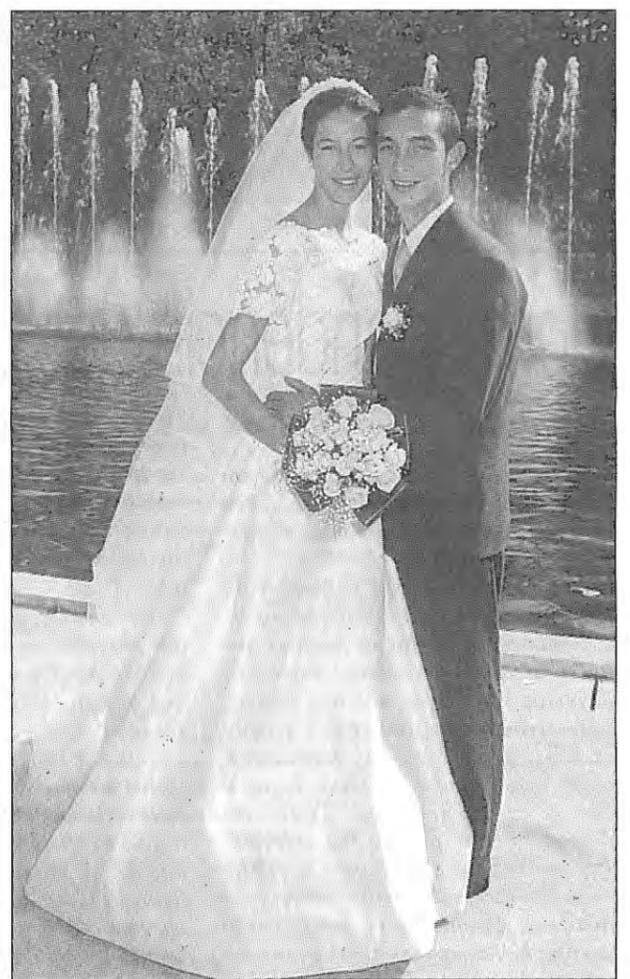
O Bruno rezava e chorava! Eu rezava, também, alegrando-me pelo seu choro jubiloso.

— Que a vida com a Eliana te farte desse afecto humano e supra as carências que tão negativamente marcaram o final da tua adolescência!

Que o vosso convívio seja iluminado pela Palavra de Deus, fonte de todo o Bem e de toda a Força.

«Fazer de cada Rapaz um homem» é sempre uma árdua tarefa, mas a satisfação é tanto maior, quanto mais fundo e duradouro foi o sofrimento!

Graças a Deus!



Casamento do «Pitéu» e da Eliana.

Assalto

FOMOS assaltados. O compartimento onde trabalho tem uma varanda elevada do chão cerca de quatro metros com janelas e portas envidraçadas.

Os gatunos, enquanto jantávamos, com uma corda e um gancho, subiram, quebraram um vidro, abriram a cremona da porta e entraram no gabinete.

Dali, arrombaram o escritório do Fernando ligado ao meu por porta interior.

O alarme accionou e eles fugiram.

A notícia circulou imediatamente pela Aldeia e não houve ninguém que não sofresse.

No dia seguinte, à mesma hora, soou o alarme.

O jantar estava a meio.

Foi preciso berrar para que saíssem só os maiores.

Ah, menino! Aquilo é que foi!

Os rapazes pareciam eletrizados de repulsa.

Como felinos que se lançam sobre a presa, assim eles, numa corrida doida, por aí abaixo, para apanharem os gatunos!

Nem a escuridão da noite nem os barrancos, valas e muros da quinta nem o medo de nada os parou.

Como raios no negrume do ambiente, assim eles no meio do milho e das vinhas em busca dos assaltantes.

Chamei a Guarda. Mas, perante tantas precauções, naturalmente justificadas, verifiquei que ninguém como os rapazes é capaz de espantar os ladrões.

Padre Acílio

PENSAMENTO

Tenho um tal respeito pela Viuvez, pela Orfandade, pela Miséria e sobretudo pelos Miseráveis; tanta dor que desejo colaborar nos seus grandes males e, por isso mesmo, escolho a missão dolorosa de mendigar para os sem-ninguém.

PAI AMÉRICO